

LUDMILA ULITSKAYA



MEDEIA E OS SEUS FILHOS



cavalo de ferro

Medeia Mendes, de nome de solteira Sinopli, era a última grega de raça pura, sem contar com a irmã mais nova, Aleksandra, que se mudou para Moscovo no final da década de 1920, de uma família há muito estabelecida na costa da Táurida, uma terra que ainda mantinha os seus laços com a Antiga Grécia. Também era a última da família que sabia falar o grego pôntico medieval, mantido apenas nas colónias da Táurida, e que uma distância de mil anos separava tanto do grego moderno quanto do grego antigo.

Há muito que Medeia não tinha com quem conversar nessa língua desgastada e sonora que dera origem à maioria dos termos filosóficos e religiosos, conservando uma incrível literalidade e o significado original das palavras: ainda hoje, nessa língua, lavandaria chama-se *catarismo*, transporte é *metaphorisis* e mesa diz-se *trapeza*.

Os gregos da Táurida, coetâneos de Medeia, faleceram ou foram expulsos. Ela permaneceu na Crimeia pela graça de Deus, assim a própria o considerava, mas também em parte devido ao seu sobrenome espanhol de viúva, herdado do falecido marido – um alegre dentista judeu, com defeitos pequenos mas bastante nítidos e virtudes notáveis mas profundamente ocultas.

Há muito que tinha enviuvado, contudo, nunca voltou a casar, mantendo-se fiel à imagem da viúva a quem o traje do luto caía bem.

Durante os primeiros dez anos, Medeia usou exclusivamente roupa preta, depois permitiu-se umas pintas brancas ou umas bolinhas pequenas, mas sempre sobre um fundo negro. O xaile preto envolvia-lhe a cabeça de uma maneira especial, nem à russa, nem à camponesa, amarrado em dois nós compridos, um dos quais

caía sobre a têmpora direita. A ponta comprida do xaile juntava-se em pequenas dobras tradicionais sobre os ombros e cobria o pescoço crispado.

Os olhos eram castanho-claros secos, e o rosto moreno tinha também umas pequenas rugas secas.

Quando se sentava do lado de lá da moldura pintada do guiché do pequeno hospital da Vila, de bata cirúrgica branca com fecho nas costas, assemelhava-se a um retrato que Goya não pintara.

Os registos hospitalares por ela preenchidos estavam escritos numa letra graúda e espaçada. Também costumava caminhar a passos largos pelos arredores e não lhe custava nada levantar-se aos domingos antes de amanhecer, percorrer cerca de vinte vers-tás até Teodósia, assistir à missa em pé e regressar a casa ao final do dia.

Para os habitantes locais, Medeia Mendes há muito que fazia parte da paisagem. Quando não estava sentada no seu banquinho do lado de lá da moldura branca do guiché, a sua silhueta escura podia ser avistada ora nas colinas orientais, ora nas encostas rochosas a oeste da Vila.

Ela não caminhava ociosamente; colhia sálvia, tomilho, hortelã da montanha, uva-espim, cogumelos ou roseira-silvestre. Também não dispensava cornalinas, nem cristais de rocha em camadas bem proporcionadas, nem moedas escuras antigas que enchiam o solo acinzentado deste modesto palco da história universal.

Medeia conhecia os arredores, os próximos e os longínquos, tão bem quanto o conteúdo do seu aparador. Sabia não apenas onde e quando se podia apanhar a planta certa, mas também notava como, ao longo das décadas, se alterava lentamente o manto verde da terra: as moitas de hortelã desciam pelos barrancos da encosta leste da montanha Kiyán, a uva-espim extinguia-se devido a uma doença corrosiva que carcomia os ramos mais baixos, e a chicória, pelo contrário, avançava no subsolo, os seus rizomas sufocando as pequeninas flores da Primavera.

A terra da Crimeia sempre fora generosa para com Medeia, oferecendo-lhe as suas raridades. Por seu lado, Medeia lembrava-se com gratidão de cada um dos seus achados, bem como das circunstâncias mais insignificantes de tempo e de lugar em que os encontrara e de todas as tonalidades de sentimentos experimentados na altura: desde o dia 1 de Junho de 1906, quando, ainda ela era uma menina pequena, encontrou numa estrada abandonada para Ak-Mecheti¹ o «anel de bruxa», uma variedade local de cogumelos brancos, composto por dezanove cogumelos exactamente do mesmo tamanho com chapéus verde-claros. Mas o seu mais maravilhoso achado desprovido de valor nutricional foi um anel liso de ouro com uma pedra baça de água-marinha que as ondas do mar atiraram aos seus pés depois de uma tempestade, numa pequena praia perto de Koktebel, no dia 20 de Agosto de 1916, data em que completava dezasseis anos. Medeia ainda usava esse anel, que lhe ficou cravado no dedo e não era removido há mais de trinta anos.

Sentia a benevolência desta terra decadente através das solas dos seus sapatos e não a teria trocado por nenhum outro lugar. Durante toda a sua vida, deixou a Crimeia apenas duas vezes, num total de seis semanas.

Medeia era oriunda de Teodósia, ou, melhor, de uma enorme e harmoniosa casa na colónia grega, há muito absorvida pelos subúrbios da cidade. Na altura do seu nascimento, a casa já havia perdido a sua harmonia original, tendo sido aumentada com anexos, terraços e varandas, devido ao rápido crescimento da família na primeira década do século, cujo começo fora tão alegre.

O rápido crescimento da família foi acompanhado pela gradual ruína do seu avô, Kharlampi Sinopli, um comerciante rico, proprietário de quatro navios mercantes, inscritos no então novo porto de

1 Povoado na Crimeia; o seu nome, que do tártaro é traduzido como «mesquita branca», foi substituído por Chernomorsk em 1944, após a expulsão forçada dos Tártaros às ordens de Estaline. [N. T.]

Teodósia. Com a idade, o velho Kharlampi perdeu a sua ganância insaciável e perguntava constantemente a si próprio por que razão o destino, que o torturara durante vários anos com a espera dolorosa por um herdeiro, com seis nados-mortos e inúmeros abortos sofridos pelas suas duas mulheres, recompensava tão generosamente com progenitura o seu único filho, Gueorgui, só concebido após trinta anos de tentativas. Possivelmente, o mérito pertencia à segunda mulher de Kharlampi, Antonida, que viera em peregrinação até Kiev para cumprir uma promessa e que, depois de dar à luz e de amamentar o filho, manteve o jejum em acção de graças até à morte. Ou talvez a bênção do seu filho viesse da nora, a ruiva e magra Matilda, que ele trouxera de Batum. Matilda provou ser extraordinariamente fértil e desde então dava à luz bebés de cabeça redonda a cada dois anos, no final do Verão, com uma exactidão inexplicável.

À medida que os netos iam nascendo, o velho Kharlampi tornava-se cada vez mais fraco e bondoso, e, no final da sua vida, juntamente com a riqueza, perdeu também a sua imagem de comerciante autoritário, cruel e talentoso. Mas verificou-se que o seu sangue era forte, não se dissolvia noutras correntes, e aqueles de entre os seus descendentes que não tinham sido esmagados pelos anos sanguíneos herdaram tanto a força da sua natureza quanto o seu talento. A sua bem conhecida ganância manifestava-se, nos homens, numa grande energia e numa paixão pela construção, e, nas mulheres, como Medeia, na frugalidade, na elevada atenção às coisas materiais e num espírito engenhoso e prático.

A família foi abençoada com uma prole tão numerosa que poderia servir de objecto de investigação para um geneticista interessado na distribuição de traços hereditários. Nenhum apareceu. Em contrapartida, Medeia, com o seu desejo característico de tudo ordenar e sistematizar, desde as chávenas de chá na mesa até às nuvens no céu, em várias ocasiões e por diversão, punha os irmãos e as irmãs em fila segundo a gradação da cor ruiva do cabelo. É claro que isto acontecia apenas na sua imaginação, pois não se

lembrava de alguma vez ter visto toda a família reunida. Faltava sempre um dos irmãos mais velhos... A cor acobreada do cabelo da mãe estava de alguma forma presente em todos os irmãos, mas apenas Medeia e o mais novo dos irmãos, Dimitri, eram verdadeiramente ruivos. Aleksandra – Sandrochka, como era chamada em casa – tinha o cabelo de uma cor complexa de mogno, semelhante ao fogo.

De vez em quando aparecia o dedo mindinho atrofiado do avô, que por algum motivo só os meninos herdavam, e o lóbulo da orelha aumentado da avó e a sua excepcional capacidade de visão noturna, que, aliás, Medeia também tinha. Todas estas características genéticas e mais algumas menos marcantes surgiam nos descendentes de Kharlampi.

Até a fertilidade da família se dividia em duas linhas: alguns, como Kharlampi, durante anos a fio tentavam em vão gerar um único filho, e outros, pelo contrário, enchiam o mundo com ninhadas ruivas, sem dar a isso muita importância. O próprio Kharlampi há mais de dez anos que jazia no cemitério grego de Teodósia, no ponto mais alto, com vista para a baía onde até à Segunda Guerra Mundial os seus dois últimos navios a vapor vogavam as ondas, registados, como antigamente, no porto de Teodósia.

Passados muitos anos, Medeia, que não tinha sido abençoada com filhos, reuniu na sua casa da Crimeia vários sobrinhos e sobrinhos-netos, submetendo-os a uma investigação silenciosa e não-científica. Acreditava-se que ela os amava muito. É complicado dizer que tipo de amor as mulheres sem filhos sentem pelas crianças, mas Medeia nutria por eles um interesse vivo que, com a idade, se intensificou ainda mais.

Medeia não se incomodava com a afluência da família durante a época estival, nem tampouco se confrangia com a solidão no Outono e no Inverno. Geralmente, os primeiros familiares chegavam no final de Abril, quando, depois das chuvas de Fevereiro e dos ventos de Março, a terra da Crimeia se cobria de glícínias lilases, de tamargueiras cor-de-rosa e de giestas amarelas.

Normalmente, a primeira estada era curta, durava só os feriados do 1.º de Maio; alguns visitantes podiam ficar até 9 de Maio². Depois seguia-se uma pequena pausa e, nos últimos dez dias de Maio, chegavam as meninas: as jovens mães com filhos em idade pré-escolar.

Já que havia cerca de trinta sobrinhos, o cronograma era feito ainda no Inverno, atendendo a que a casa de quatro divisões não podia acolher mais de vinte pessoas ao mesmo tempo.

Os motoristas de Teodósia e de Simferopol, que trabalhavam como taxistas na época alta, conheciam muito bem a casa de Medeia e faziam por vezes pequenos descontos aos familiares dela. Mas avisavam sempre que, se estivesse a chover, não iriam até lá acima, deixando os passageiros na Vila de Baixo.

Medeia não acreditava em casualidades, apesar de a sua vida estar repleta de encontros significativos, coincidências estranhas e imprevistos que acabavam por se conjugar espantosamente. Acontecia ter-se cruzado com alguém em tempos idos e, passados muitos anos, essa pessoa regressar para mudar o destino; as cordas esticavam-se, juntavam-se, davam nós e formavam um padrão que, com o decorrer da vida, se tornava cada vez mais óbvio.

Certa vez, em meados de Abril, quando o tempo parecia já ter estabilizado, o dia revelou-se sombrio, o frio voltou, e a chuva, que começou a cair, ameaçava transformar-se em neve.

Medeia acendeu a luz bastante cedo, fechou as cortinas e atirou para a sua inteligente lareira (levava pouca lenha e dava muito calor) um punhado de ramagem seca e dois troncos. Tinha estendido sobre a mesa um lençol puído e ponderava a melhor forma de o aproveitar: cortá-lo para fazer panos de cozinha ou retirar a parte do meio que estava rasgada e costurar um lençol de criança?

2 Dia da capitulação da Alemanha nazi; era considerado na União Soviética, e actualmente na Rússia e nalguns países pós-URSS, o Dia da Vitória e feriado nacional. [N. T.]

Naquele instante, alguém bateu à porta com força. Medeia abriu. À sua frente estava um jovem de gabardina molhada com um gorro de pele.

Medeia pensou que era um dos seus sobrinhos que apareciam mais raramente e deixou-o entrar.

– É a Medeia Gueorguievna Sinopli? – perguntou o jovem, e Medeia constatou que ele não era da família.

– Sim, sou, apesar de há mais de quarenta anos usar um sobrenome diferente – sorriu Medeia. O jovem tinha uma aparência agradável, olhos azuis e um bigode escuro, fino e descaído. – Tire a gabardina.

– Peço-lhe desculpa, cheguei sem avisar, caído do céu. – Ele sacudiu os flocos de neve do seu gorro molhado. – Ravil Iussupov, de Karaganda...

Tudo o que se seguiu nessa noite, apontou-o Medeia, possivelmente no dia seguinte, numa carta que nunca chegou a ser enviada.

Muitos anos mais tarde, o seu sobrinho Gueorgui deu com a carta por acaso, e com ela obteve a explicação para o enigma de um testamento absolutamente inesperado com data de 11 de Abril de 1976, encontrado na mesma pilha de papéis. Na carta vinha o seguinte:

Querida Elenochka!

Apesar de te ter enviado uma carta há apenas uma semana, aconteceu algo extraordinário, e é isso que quero contar-te. É uma história que remonta a muitos anos atrás. Com certeza deves lembrar-te do cocheiro Iussim, que te trouxe a ti e à Armik Tigranovna para Teodósia em Dezembro de 1919. Imagina, o neto dele conseguiu encontrar-me por intermédio de conhecidos em Teodósia. É surpreendente que ainda hoje seja possível encontrar alguém numa cidade grande sem sequer um livro de endereços. Para a nossa terra, a sua história é bastante comum: foram deportados de Alushta depois da guerra, quando o Iussim já tinha falecido. A mãe do Ravil foi enviada para Karaganda, apesar de o seu

marido, pai dos seus filhos, ter perdido a vida na frente de batalha. O jovem conhecia a vossa história (estou a falar da evacuação) desde tenra idade e até se lembra do anel de safira que oferecete ao Iussim como agradecimento... A mãe do Ravil usou-o durante muitos anos e nos tempos mais difíceis de fome trocou-o por um pud de farinha. Este foi apenas o início de uma conversa que, confesso, me sensibilizou profundamente. Trouxe-me à memória momentos de que não gostamos de nos lembrar: os tormentos daqueles anos. De seguida, o Ravil revelou-me que fazia parte do movimento de retorno dos Tártaros à Crimeia e que já há algum tempo tinham dado os primeiros passos, formais e informais.

Fez-me perguntas sobre a Crimeia tártara antiga, até ligou o gravador para que a minha narrativa fosse ouvida pelos Tártaros do Uzbequistão e do Cazaquistão. Conteí-lhe tudo o que me lembrava sobre os meus vizinhos da Vila, sobre a Galia e o Mustafá, sobre o avô Akhmet, que, de madrugada até ao pôr-do-sol, limpava os canais de rega, tirando cada cisco como se estivesse a limpar os olhos de alguém. Conteí-lhe como os Tártaros locais foram deportados às duas horas da manhã, sem tempo para se prepararem; como a Shura Gorodovikova, a chefe do Partido responsável pelo despejo, os ajudou a carregar os pertences e chorou sem parar. No dia seguinte, sofreu um ataque. Deixou de ser chefe partidária e, durante os dez anos que se seguiram, coxeou pela sua propriedade, com o rosto torto e a fala inarticulada. Na nossa terra, nem mesmo sob o jugo dos Alemães, apesar de não serem Alemães mas sim Romenos, tinha acontecido uma coisa assim. Sei bem que os Judeus foram levados, mas não na nossa região.

Também lhe contei que em 1947, no final de Agosto, veio uma ordem para derrubar todas as noqueiras plantadas pelos Tártaros. Por mais que implorássemos, os palermas vieram e cortaram todas aquelas belas árvores e não nos deixaram colher as nozes. As árvores mortas cheias de nozes verdes fizeram assim ao longo da

estrada durante algum tempo. Depois veio a ordem para as queimar. Tasha Lavinskaya, de Kerch, estava em minha casa, e nós vimos aquela fogueira bárbara e chorámos.

Graças a Deus, tenho uma memória muito boa, guarda tudo. Conversámos até depois da meia-noite, também tomámos uns copos. Os antigos Tártaros, como bem te lembras, não bebiam vinho. Combinámos que, no dia seguinte, iria mostrar-lhe a nossa terra, todos os lugares. E então ele fez-me o seu pedido secreto: que eu comprasse uma casa na Crimeia para ele, mas em meu nome, porque os Tártaros não tinham direito a comprar casa. Há um decreto-lei sobre esta matéria ainda da época estalinista.

Lembras-te, Elenochka, como era a Crimeia Oriental no tempo dos Tártaros? E o interior? Os jardins que havia em Bakhchisarai? Agora, na estrada para Bakhchisarai, não há uma única árvore: cortaram e derrubaram tudo. Tinha acabado de fazer a cama para o Ravil no quarto do Samonia quando ouvi um carro a aproximar-se. Passado um minuto bateram à porta. O Ravil olhou tristemente para mim e disse: «Vieram buscar-me, Medeia Gueorguievna.»

O seu rosto ficou extremamente cansado e percebi que ele não era nada jovem, devia andar na casa dos trinta. Pegou na fita do gravador e atirou-a para a lareira. «Vai ter problemas, perdoe-me. Dir-lhes-ei que vim cá apenas para pernoitar...» A fita do gravador com toda a minha narrativa desapareceu num ápice.

Abri a porta e vi dois homens. Um deles era o Petka Shevchuk, filho de um pescador local, o Ivan Gavrilovich. Aquele insolente diz-me: «Verificação de passaportes. Não há aqui inquilinos?»

Bem, passei-lhe uma descompostura: «Como te atreves a invadir a minha casa durante a noite?! Não, não tenho inquilinos, mas neste momento tenho um convidado. Vão para onde quiserem e não me incomodem até de manhã! Seu animal, atreves-te a entrar assim em minha casa. Não sei se te lembras, mas durante toda a guerra servi aqui no hospital. Além de mim, não havia quaisquer serviços médicos. Quantos furúnculos te tratei, um estava dentro do ouvido,

tive de o abrir. Quase morri de medo, não era brincadeira: uma criança com cinco anos e todos os sinais de uma lesão cerebral. E eu, quem era? Uma simples enfermeira. Que responsabilidade enorme!...» Viraram-se e foram-se embora, mas o carro ficou lá em cima, perto de casa. Apenas desligaram o motor.

O meu rapaz tártaro, o Ravil, sorriu e disse: «Obrigada, Medeia Gueorguievna. É uma pessoa extremamente corajosa, é raro encontrar pessoas iguais a si. Pena que amanhã não me mostrará nem o vale, nem as colinas orientais. Mas hei-de voltar, os tempos mudarão, tenho a certeza disso.»

Fui buscar mais uma garrafa de vinho e não dormimos nessa noite, estivemos a conversar. Depois tomámos café e, quando amanheceu, ele lavou-se, eu fiz-lhe uma panqueca, dei-lhe umas latas de conservas de Moscovo, que ainda tinha do Verão passado. Mas ele não as aceitou, disse que lhas confiscariam. Acompanhei-o até ao portão, fui com ele até lá acima. A chuva já tinha parado, ficou um tempo tão agradável. O Petka estava ao lado do carro, o outro homem também. Despedi-me do Ravil. A porta do carro já estava aberta. Foi assim que aconteceu, Elenochka. Ah, ele esqueceu-se do gorro. Ainda bem, pensei. Talvez volte de novo, os Tártaros ainda hão-de regressar e, nessa altura, devolver-lhe-ei o gorro. Isso, sim, seria justo. Bem, seja como Deus quiser. Escrevo-te com tanta pressa pela seguinte razão: embora nunca me tenha envolvido em aventuras políticas, o Samonia é que era especialista nessas coisas, acreditas que agora, no final da minha vida, já nos tempos de maior tolerância, é que vieram à minha procura, eu, que não passo de uma velha? Isto é para que saibas onde me encontrar. Ah, mais uma coisa: na última carta esqueci-me de te perguntar se o novo aparelho auditivo te tem servido para alguma coisa. Embora, para ser honesta, ache que a maior parte daquilo que se fala por aí não merece ser ouvido. Por isso, não estás a perder grande coisa.

Beijinhos, Medeia.

Decorriam os últimos dias de Abril. A vinha de Medeia já tinha sido limpa, a horta encheu-se com os mais variados legumes e no frigorífico estava há dois dias uma solha gigante cortada em pedaços. Foram uns pescadores seus conhecidos que a trouxeram.

O primeiro a aparecer foi o sobrinho Gueorgui com o filho Artiom, de treze anos. Depois de tirar a mochila, Gueorgui ficou no meio do pátio, com os olhos semicerrados por causa da luz directa do sol, a inspirar o cheiro doce e denso.

– Corta e come o que te dão – disse ele ao filho, mas este não percebeu.

– A Medeia está ali, a estender a roupa – apontou Artiom.

A casa de Medeia situava-se na parte mais alta da Vila, mas a propriedade era em degraus, sob a forma de socalcos, e havia um poço em baixo. Aí, entre uma grande nogueira e uma velha árvore-do-céu, estava estendida a corda. Medeia, que aproveitava o intervalo do almoço para realizar os seus afazeres domésticos, punha a secar a roupa azulada com goma. Sombras azul-escuras alastravam pelo tecido azul dos lençóis remendados, que se inflavam lentamente como velas, ameaçando enrolar-se e esvoaçar para o céu de um azul áspero.

«Que bom seria mandar tudo para o inferno e comprar aqui uma casa», pensava Gueorgui, descendo na direcção da tia, que ainda não tinha reparado na sua presença. «A Zoika fará como quiser. Eu levava comigo o Tiomka e o Sashka...»

Nos últimos dez anos eram exactamente estes os pensamentos que lhe ocorriam durante os primeiros minutos em casa de Medeia na Crimeia...

Medeia acabou por ver Gueorgui com o filho, atirou para o alguidar vazio o último lençol torcido e endireitou-se:

– Ah, chegaram... Já estou à vossa espera há dois dias. Subo já, Georguiu.

Medeia era a única a chamá-lo assim, à grega. Ele beijou a velha mulher, que lhe passou a mão pelos cabelos familiares, pretos e ligeiramente acobreados. Também acariciou Artiom.

– Cresceu tanto.

– Podemos ver na porta? – perguntou o menino. A moldura da porta estava cheia de marcas: era assim que as crianças registavam a altura.

Medeia pendurou o último lençol, que esvoaçou cobrindo metade da pequena nuvem que acidentalmente navegava pelo céu limpo.

Gueorgui pegou nos alguidares vazios e subiram juntos: Medeia, de preto, Gueorgui, de camisa branca amarrotada, e Artiom, de camisola vermelha.

Da propriedade vizinha, por entre a vinha mirrada e torta da quinta colectiva, Ada Kravchiuk, o seu marido, Mikhail, e a sua hóspede, vinda de Leninegrado, Nora, que parecia um ratinho branco, observavam-nos.

– Junta-se aqui gente que nem dá para contar. Todos familiares da Mendessikha. Está aí o Gueorgui, é sempre o primeiro a chegar – explicou Ada, e não se percebeu se falava com aprovação ou irritação.

Gueorgui era apenas alguns anos mais novo do que Ada, e na infância haviam brincado juntos à roda. Ada sentia agora uma certa antipatia por ele, pois ela própria tinha envelhecido e ficado molengona, ao passo que ele continuava jovem e só agora lhe começavam a aparecer os primeiros cabelos grisalhos.

Nora observava, encantada, o ponto onde convergiam um barranco, uma colina e uma longa dobra na terra. Aí, no fundo da garganta, erguia-se uma casa com telhado de telha, cujas janelas lavadas brilhavam na direcção de três figuras esbeltas: uma era preta, a outra branca e outra ainda vermelha... Ela admirava a composição da paisagem e pensava com uma nobre tristeza: «Se conseguisse pintar isto... Não, não sou capaz...»

Era artista, concluiu o curso sem grande distinção, mas tinha jeito para certas coisas: flores etéreas pintadas a aguarela – floxes, lilases, ramos leves de flores do campo. E agora, acabada de chegar

aqui de férias, observava as glicínias e pressentia o prazer de colocar numa jarra de vidro apenas uns cachos sem folhas, em cima de uma toalha cor-de-rosa, e depois, quando a filha fosse dormir a sesta, sentar-se no quintal das traseiras a pintar. No entanto, aquela sinuosidade do espaço, a sua curva íntima intrigavam-na, incitavam-na a um trabalho que a si parecia impossível. Não obstante, as três figuras subiram até casa e desapareceram de vista...

No estrado pequeno, exactamente entre a varanda e a cozinha de Verão, Gueorgui desempacotava duas caixas que tinha trazido e Medeia determinava onde pôr cada coisa. Era um ritual. Cada visitante trazia presentes e Medeia recebia-os como se não fossem para si, mas para a casa.

Quatro fronhas, dois detergentes importados para lavar a loiça, o sabão, que faltara no ano anterior e que este ano reaparecia, enlatados, café – tudo isto excitava agradavelmente a velha Medeia. Arrumou os presentes nos armários e nas cómodas, ordenou que não abrissem sem ela a segunda caixa e correu para o serviço. A pausa para o almoço já tinha acabado, e ela nunca se permitia chegar atrasada.

Gueorgui subiu até ao cimo da propriedade da tia onde, como uma torre de vigia, havia uma latrina construída pelo falecido Mendes. Entrou sem ter a mínima necessidade e sentou-se num acento raspado de madeira. Olhou à volta. Havia um pequeno balde com cinzas ao lado de uma concha partida, na parede pendia uma cartolina desbotada com instruções sobre a utilização da latrina, escritas por Mendes com a sua característica ingenuidade. Terminava assim: «Ao sair, olha para trás: será que a tua consciência está limpa?»

Gueorgui olhou pensativo por cima da pequena porta, que tapava apenas a parte de baixo da latrina, através da janela rectangular que se formava em cima e viu a dupla cadeia de montanhas que descia assaz abruptamente ao longe, em direcção ao pedaço de mar, e as ruínas de uma fortaleza antiga que podia ser observada

apenas por quem tivesse uma visão aguçada e na condição de o céu estar limpo. Admirava esta terra, as montanhas erodidas pelo vento, as colinas arredondadas; tinha pertencido aos Citas, aos Gregos, aos Tártaros e, apesar de agora ser uma quinta colectiva e há muito ansiar por amor humano, sujeita a uma morte lenta devido à incapacidade dos seus proprietários, mesmo assim a história nunca a abandonou, pairando no deleite primaveril e fazendo-se lembrar em cada pedra, em cada árvore... Entre os sobrinhos, há muito que fora decidido que a melhor vista do mundo era a que se abria da latrina de Medeia.

Junto à porta estava Artiom, firmando ora um pé ora o outro no chão, à espera de que o pai sáisse para lhe fazer uma pergunta que já sabia de antemão que não valeria a pena fazer naquele momento, mas, ainda assim, quando o pai saiu, indagou:

– Pai, quando vamos ao mar?

O mar estava bastante longe, por isso os veraneantes nunca ficavam na Vila de Baixo, e muito menos na Vila de Cima. Daqui ou se ia de autocarro até Sudak, para a praia municipal, ou se faziam caminhadas de doze quilómetros até às baías distantes. Era uma verdadeira expedição, por vezes de vários dias, que obrigava a acampar pelo caminho.

– Pareces uma criança – irritou-se Gueorgui –, agora não é altura para pensar nisso. Vá, prepara-te, vamos ao cemitério...

Artiom não queria ir ao cemitério, mas, já que não tinha alternativa, foi calçar os ténis. Gueorgui pegou numa bolsa de lona, onde pôs uma pá de sapador alemã, ponderou se deveria levar o frasco de tinta prateada e decidiu deixar esse trabalho moroso para a próxima ocasião. Arrancou do cabide no celeiro um chapéu desbotado de uma farda militar da Ásia Central que em tempos ele próprio tinha trazido e bateu com ele no joelho, libertando uma nuvem de poeira. Depois fechou a porta de casa, escondeu a chave no seu sítio especial, um pedregulho triangular com um canto bifurcado do qual se lembrava desde a infância, e alegrou-se fugazmente.

Gueorgui tinha sido geólogo, por isso o seu andar profissional era ágil e amplo. Artiôm seguia-o com passos miúdos. Gueorgui não olhava para trás, mas ouvia, nas suas costas, o filho apressar-se, perder o ritmo e começar a correr.

«Não cresce nada, será como a Zoika», pensou Gueorgui, com a sua amargura habitual.

Gostava muito mais do filho mais novo, Sasha, de três anos, dotado de uma grande audácia e de uma teimosia indefectível, o que sugeria que ele seria muito mais masculino do que o primogénito, que era inseguro e tagarela como uma menina. Por seu lado, Artiôm idolatrava o pai, orgulhava-se da notória virilidade deste, adivinhando já que nunca seria igual a ele, tão forte, calmo e confiante, e o seu amor filial era ao mesmo tempo doce e amargo.

Mas agora Artiôm estava num excelente estado de espírito, como se tivesse conseguido convencer o pai a ir até ao mar. Ele próprio ainda não compreendera que não era o mar que importava, mas sim caminhar com o pai naquela estrada que ainda não estava seca nem empoeirada, que se mantinha fresca e viçosa, e ir com ele para onde quer que fosse, até para o cemitério.

O cemitério subia pela encosta acima, a partir da estrada. No topo, situava-se a parte tártara destruída, com as ruínas de uma mesquita. O lado oriental era cristão, mas, após a expulsão dos Tártaros, as sepulturas cristãs começaram a invadir o lado tártaro, como se também os mortos participassem na causa injusta da deportação.

Os antepassados Sinopli repousavam no cemitério de Teodósia, que naquela altura já se encontrava fechado e até parcialmente demolido. Por isso, Medeia enterrou, com leveza de coração, o seu marido judeu aqui, longe da mãe. A ruiva Matilda, uma cristã bondosa sob todos os aspectos e ortodoxa devota, não gostava muito de muçulmanos, temia os judeus e evitava os católicos. Não se sabe ao certo o que ela pensava dos budistas e taoistas, ou se alguma vez tinha ouvido falar deles.

Na sepultura do marido de Medeia havia um obelisco com uma estrela na ponta; no pedestal estava uma inscrição com letras achatadas: «Samuel Mendes, combatente no ChON³, membro do Partido Comunista desde 1914. 1890–1952».

A inscrição respeitava a vontade do falecido, expressa por ele muito antes da sua morte, logo após o fim da guerra. Medeia alterou ligeiramente a estrela, pintando-a com tinta prateada, bem como a haste em que estava pregada, e assim obteve o sexto raio, invertido, o que fazia lembrar a estrela de Natal como era representada nos postais antigos, evocando também outras associações.

À esquerda do obelisco encontrava-se uma pequena estela com o retrato oval do rosto redondo de Pavlik Kim, que sorria com os seus olhos rasgados e inteligentes. Era o sobrinho de Gueorgui, que morrera afogado em 1954 na praia municipal de Sudak à vista da sua mãe, do seu pai e do seu avô, Fiodor, o irmão mais velho de Medeia.

O olhar rigoroso de Gueorgui não encontrou nenhum defeito. Como sempre, Medeia adiantara-se: a cerca estava pintada, o canteiro cavado e plantado com açafão selvagem trazido das colinas orientais.

Para fazer qualquer coisa, Gueorgui reforçou as arestas do canteiro, de seguida limpou a ponta da pá, dobrou-a e guardou-a na bolsa. Ficaram calados, pai e filho, no banco baixinho. Gueorgui fumou um cigarro. Artiom não interrompeu o silêncio do pai, e Gueorgui, agradecido, colocou-lhe a mão no ombro.

O Sol declinava em direcção à encosta ocidental, visando a concavidade entre duas colinas arredondadas, chamadas Colinas Gémeas, como uma bola lançada ao cesto. Em Abril, o Sol punha-se entre as Colinas Gémeas, ao passo que, em Setembro, descia no horizonte, rasgando a barriga no cume da montanha Kiyán.

3 Destacamentos partidários militares, criados nas fábricas, nos comités municipais ou distritais com o fito de apoiar os serviços soviéticos durante a contra-revolução. Constituíam unidades especiais no Estado Soviético Russo, entre 1919 e 1923. [N. T.]

De ano para ano, as nascentes secavam, as vinhas morriam, a terra que Gueorgui percorria desde a infância deteriorava-se e apenas os perfis das montanhas preservavam a aparência original da região. Adorava-as como se pode adorar o rosto da mãe ou o corpo da mulher – sabia-as de cor, de olhos fechados, eternamente.

– Vamos – atirou ele ao filho, e começou a descer para a estrada, cortando caminho e sem reparar nos fragmentos de placas de pedra com inscrições árabes.

De cima, Artiom teve a impressão de que a estrada cinzenta lá em baixo estava a mexer-se, como a escada rolante no metro, o que o fez parar, surpreendido.

– Pai! – Mas logo começou a rir, apercebendo-se de que eram umas ovelhas que preenchiam a estrada até à berma com a sua massa cinzenta acastanhada. – Pensei que a estrada se estava a mexer.

Gueorgui sorriu, perspicaz...

Ficaram a observar a corrente do lento rio das ovelhas, e não eram os únicos a mirar a estrada: a uns cinquenta metros de distância, numa elevação, estavam sentadas duas meninas, uma adolescente e outra mais pequena.

– Vamos contornar o rebanho – sugeriu Artiom, e Gueorgui assentiu com a cabeça. Ao passarem pelas meninas, viram que elas não estavam a observar as ovelhas, mas uma coisa que tinham encontrado no solo. Artiom esticou o pescoço e viu uma pele de cobra que se eriçava entre dois ramos secos de alcaparra. Tinha a cor da unha de um velho, meio transparente, torcida em alguns lugares, rachada aqui e ali, e a pequenina, com medo de lhe tocar com a mão, mexia nela cautelosamente com um pauzinho. A adolescente era, afinal, uma mulher adulta, era Nora. Ambas eram loiras e envergavam lenços leves, saias floridas e compridas, e blusas iguais com bolsos.

Artiom também se agachou perto da pele de cobra.

– Pai, era venenosa?

Gueorgui olhou com atenção:

– Não, aqui há muitas cobras destas.

– Nunca vimos nada parecido – sorriu Nora. Reconheceu nele o homem da manhã, de camisa branca.

– Quando era pequeno, uma vez encontrei aqui um ninho de cobras. – Gueorgui pegou na pele rumorejante e esticou-a. – Ainda está fresca.

– Que coisa desagradável. – Nora encolheu os ombros.

– Tenho medo – sussurrou a pequena, e Gueorgui notou que mãe e filha se pareciam de uma forma engraçada, com os seus olhos redondos e queixos pontiagudos, quais gatinhos.

«Que meninas adoráveis», pensou Gueorgui, colocando no chão o aterrador achado.

– Onde estão alojadas?

– Na casa da tia Ada – respondeu a mulher sem tirar os olhos da pele.

– Ah – acenou Gueorgui com a cabeça –, então vemo-nos por aí. Venham visitar-nos, estamos ali... – apontou para a propriedade de Medeia e, sem olhar para trás, desceu a correr.

Artiom seguiu-o, saltando.

Entretanto, o rebanho já tinha passado e apenas o cão-pastor da retaguarda trotava pela estrada cheia de estrume de ovelhas, demonstrando total indiferença em relação aos transeuntes.

– Tem pernas grandes como as de um elefante – observou a menina com reprovação.

– Não se parece nada com um elefante – respondeu Nora.

– Não estou a falar dele, apenas das pernas – insistiu a menina.

– Fica a saber que ele se parece com um legionário romano. – Nora pisou com firmeza a pele de cobra.

– Com quem?

Nora começou a rir-se do seu hábito tonto de falar com a filha de cinco anos como se falasse com um adulto e corrigiu-se:

– Não, não é parecido com um legionário. Eles barbeavam-se, e este tinha barba!

– Mas tem pernas como as de um elefante...

Nessa noite, quando Nora e Tânia já dormiam na casinha que lhes fora disponibilizada, e Artiom estava enrolado como um gato no quarto de Mendes, Medeia estava com Gueorgui na cozinha de Verão. Costumava mudar-se para lá no início de Maio, mas naquele ano a Primavera tinha chegado mais cedo e no final de Abril já fazia bastante calor, por isso Medeia abriu-a e limpou-a antes da chegada das primeiras visitas. Porém, ao cair da noite, arrefeceu, e Medeia vestiu um colete de pele revestido com veludo velho, e Gueorgui, um roupão tártaro que todos os familiares de Medeia usavam há vários anos.

A cozinha era de pedra rústica, à maneira de uma *sáclia*⁴; uma parede assentava na encosta escavada, tendo-se construído janelas baixas e irregulares nas paredes laterais. Do tecto pendia uma lâmpada a querosene que iluminava a mesa com uma luz fraca, e na mancha redonda da luz havia uma garrafa de vinho caseiro, a última, que Medeia guardara para esta ocasião, e ainda uma garrafa aberta de vodca de maçã, que ela muito apreciava.

Na casa estabelecera-se há muito tempo uma rotina estranha: jantavam normalmente cedo, entre as sete e as oito, com as crianças, que de seguida iam dormir. À noite, mais tarde, os adultos voltavam a reunir-se para uma refeição tardia, nada proveitosa para a digestão e muito agradável ao espírito. Também agora, numa hora tardia, depois de realizadas várias tarefas domésticas, Medeia e Gueorgui estavam à luz da lâmpada de querosene e alegravam-se com a companhia um do outro. Tinham muito em comum: ambos eram enérgicos, ligeiros na marcha, sabiam apreciar os pequenos prazeres e não permitiam que ninguém interferisse na sua vida privada.

Medeia pôs na mesa um prato com pedaços de solha frita. A sua natureza generosa combinava de uma forma engraçada com

4 Pequena casa tártara ou cabana de vime. [N. T.]

a avareza: as doses eram sempre um pouco mais pequenas do que o desejado, e ela era perfeitamente capaz de recusar a uma criança um segundo prato, dizendo: «É o suficiente. Se ficaste com fome, come outra fatia de pão.»

As crianças habituaram-se rapidamente a esta severa bitola nas refeições, e os familiares que não gostassem das regras da casa não voltavam a pôr lá os pés.

Apoiando a cabeça na mão, ela observava como Gueorgui deitava uma acha não muito grande no fogão aberto, réplica primitiva de uma lareira.

Na estrada superior passou um carro que parou com duas buzinas roucas. Era o correio nocturno. Tinha chegado um telegrama. Gueorgui subiu até lá. Conhecia bem a funcionária dos correios; o motorista era novo. Cumprimentaram-se. Ela estendeu-lhe o telegrama.

– Então, a família está a chegar?

– Pois, já está na hora. Como vai o Kostia?

– Nada de especial. Ora bebe, ora está doente. Boa vida!

Gueorgui leu o telegrama à luz dos faróis: «Chegamos no dia 30. Nika, Masha, crianças.»

Pôs o telegrama à frente de Medeia. Ela leu e acenou com a cabeça.

– Bem, minha tia, vamos tomar uns copinhos? – Gueorgui abriu a garrafa de vodka e encheu os copos.

«É uma pena que cheguem tão cedo», pensou. «Que bom seria ficar aqui uns tempos só nós, eu e a Medeia.»

Cada um dos sobrinhos adorava ficar a sós com Medeia.

– Amanhã de manhã vou fazer uma puxada – disse Gueorgui.

– Como? – Medeia não percebeu.

– Vou levar a electricidade até à cozinha – explicou ele.

– Pois, há muito tempo que queres fazê-lo – lembrou-se Medeia.

– A mãe disse-me para falar contigo – começou Gueorgui, mas Medeia desviou a conversa que tão bem conhecia.

– À tua, Georgui – e levantou o copo.

– Só aqui me sinto realmente em casa – disse Gueorgui, como num queixume.

– E é por isso que todos os anos me vens com essa conversa parva – disse ela com despeito.

– A mãe pediu-me...

– Já recebi a carta dela. Pura tolice, é claro. O Inverno terminou, está a chegar o Verão. Não vou viver para Tashkent nem no Inverno, nem no Verão. Também não vou convidar a Elena para vir para cá. Na nossa idade ninguém se muda para novos lugares.

– Estive lá em Fevereiro. A mãe envelheceu. É impossível falar com ela ao telefone. Não ouve nada. Ultimamente tem lido muito. Até os jornais. Vê televisão.

– O teu bisavô também lia todos os jornais. Mas naquela altura não havia assim tantos.

Ficaram em silêncio por um longo momento.

Gueorgui atirou mais achas para o lume e estas estalaram com um ruído seco e iluminaram a cozinha.

Que bom seria se ele passasse a viver aqui, na Crimeia, se decidisse deixar para trás aqueles dez anos perdidos, o fracasso das suas investigações, a dissertação inacabada que o consumia como um pântano maligno cada vez que lhe pegava. Em contrapartida, sempre que saía de Akademgorodok⁵ e se afastava daquela pilha de papéis carcomidos, a sua dissertação deixava de lhe interessar, transformando-se num pequeno carço escuro de que logo se esquecia. Podia construir aqui uma casa. As autoridades de Teodósia eram todas suas conhecidas, eram filhos dos amigos de Medeia... Podia construí-la em Atuzy ou na estrada para Novyi Svet. Tinha avistado uma casa meio destruída, havia de perguntar de quem era...

⁵ Nome de cidades-satélites ou de áreas urbanas em várias regiões, construídas especialmente para acolher cientistas e investigadores regionais e departamentos da Academia de Ciências da URSS; além dos centros científicos, incluíam residências e toda a rede de infra-estruturas. [N. T.]

Os pensamentos de Medeia eram idênticos. Ela queria que fosse precisamente ele, Gueorgui, a regressar, para que os Sinopli voltassem a habitar aqueles lugares...

Bebiam vodca devagar; a velha dormitava e Gueorgui ponderava como haveria de perfurar um poço artesiano. Seria bom arranjar uma broca industrial...

Elena Stepanian, mãe de Gueorgui, provinha de uma família arménia extremamente culta e nunca pensou em casar com um grego simplório dos subúrbios de Teodósia como o irmão mais velho da sua melhor amiga do liceu.

Medeia Sinopli era a estrela do firmamento do liceu feminino; os seus cadernos exemplares eram exibidos às futuras gerações de alunas. A amizade das meninas começou com uma rivalidade secreta e intensa. Naquele ano de 1912, a família Stepanian não passou, como habitualmente, o Inverno em São Petersburgo, devido à doença pulmonar da irmã mais nova de Elena, Anait. A família passou o Inverno na sua *datcha* em Sudak, enquanto Elena e a sua governanta ficaram em Teodósia, num hotel, durante todo aquele ano. Elena frequentava o liceu feminino e fazia uma concorrência tremenda a Medeia, a melhor aluna da escola.

A gorducha e amigável Lenchka não parecia sentir nenhum nervosismo, nem tampouco competir com quem quer que fosse. Tal comportamento poderia ser explicado de duas maneiras: generosidade angelical ou orgulho satânico. Elena não se importava com os seus êxitos, pois as irmãs Stepanian tinham recebido uma boa educação em casa e aprendido francês e alemão com as governantas. Além disso, passaram a primeira infância na Suíça, onde o pai trabalhava no corpo diplomático.

Ambas as meninas, Medeia e Elena, terminaram o terceiro ano com notas excelentes. Mas essas notas máximas não eram iguais: as de Elena eram obtidas facilmente, com uma sólida margem de segurança, enquanto as de Medeia eram conseguidas com um trabalho intenso, eram caçadas. Apesar desse peso desigual,

na formatura do ano lectivo ambas receberam os mesmos prémios: o volume verde-escuro com relevos dourados de Nikolai Nekrassov, com uma inscrição caligrafada na folha de rosto.

No dia seguinte à formatura, por volta das cinco horas, toda a família Stepanian apareceu inesperadamente em casa de Sinopli. Naquela altura, todas as mulheres da casa, lideradas por Matilda, com o seu cabelo baço enfiado sob um lenço branco, estendiam a massa para a baclava numa mesa enorme à sombra de duas amoreiras. A parte mais simples desta operação, realizada na própria mesa, já estava concluída e agora elas esticavam as bordas da folha da massa nas costas das mãos. Medeia e as irmãs também participavam.

A senhora Stepanian ergueu os braços: em Tblisi, na sua infância, preparavam a baclava exactamente da mesma forma.

– A minha avó fazia-o melhor do que ninguém! – exclamou ela, e pediu um avental.

O senhor Stepanian, afagando com a mão o bigode ligeiramente grisalho, observava com um sorriso benevolente o trabalho alegre das mulheres, admirava como se mexiam na sombra multicolor as mãos femininas untadas de óleo, a agilidade e delicadeza com que tocavam na folha da massa.

Em seguida, Matilda convidou-os para o terraço, onde tomaram café com frutas cristalizadas, e Armik Tigranovna ficou de novo sensibilizada com as memórias de infância que esse doce seco evocava. As paixões culinárias que partilhavam, essencialmente de origem turca, tornaram a ilustre senhora ainda mais favorável a esta família trabalhadora e unida. E o projecto que inicialmente lhe parecera duvidoso, isto é, convidar uma menina desconhecida oriunda da família de um mecânico portuário para ser a jovem companheira da filha, agora apresentava-se muito sensato.

A proposta foi inesperada mas lisonjeira para Matilda, e ela prometeu aconselhar-se com o marido no próprio dia. Esta prova de respeito conjugal numa família tão humilde persuadiu ainda mais Armik Tigranovna.

Quatro dias depois, as duas meninas foram para Sudak e instalaram-se na costa, numa bela *datcha*, entretanto transformada em sanatório, perto da Vila de Cima, para onde, muitos anos mais tarde, viriam os descendentes de Armik Tigranovna e da ruiva Matilda, que estendia tão habilmente a massa para a baclava...

As meninas completavam-se na perfeição: Medeia apreciava a simplicidade nobre e a bondade radiante de Elena, e Elena admirava a coragem, a independência e o especial talento feminino manual de Medeia, em parte herdado e em parte aprendido com a mãe.

À noite, deitadas em camas alemãs duras e clinicamente aprovadas, tinham conversas longas e sérias, preservando desde então e para o resto das suas vidas um profundo sentimento de proximidade espiritual, apesar de nos anos posteriores não conseguirem lembrar-se sobre o que de tão íntimo falavam até ao amanhecer.

Medeia lembrava-se nitidamente de Elena contar uma história: certa noite, num período de doença, tivera a visão de um anjo que surgira ao fundo de uma parede, que se tornou de súbito transparente e atrás da qual se via uma floresta jovem, muito luminosa. Por seu lado, Elena gravou na sua memória as narrativas de Medeia acerca dos seus inúmeros achados que tornavam tão rica a sua vida. Um talento que revelou a todos naquele Verão, reunindo uma vasta colecção de pedras semipreciosas da Crimeia.

Uma outra memória estava relacionada com um episódio de um ataque de riso que as dominou numa certa noite, quando imaginaram o professor de Música, um jovem amaneirado e manco, casado com a directora do liceu, uma senhora enorme e severa, na presença de quem até as flores tremiam de medo nos parapeitos das janelas.

No Outono, os pais levaram Elena para São Petersburgo e então começou a correspondência que, com alguns hiatos, durou mais de seis décadas. Nos primeiros anos, as cartas eram escritas exclusivamente em francês, pois na altura Elena escrevia muito melhor naquela língua do que em russo. Medeia esforçou-se muitíssimo

por alcançar o mesmo nível de fluência que a amiga conquistara nos passeios pelas margens do Lago de Genebra com a governanta. As meninas, seguindo a moda intelectual daqueles tempos, confessavam os seus pensamentos maus e as suas intenções perversas: («... Dominou-me um enorme desejo de lhe bater na cabeça!... Conhecia bem a história do tinteiro, mas não disse nada e penso que isso foi, da minha parte, uma grande mentira... A minha mãe até hoje tem a certeza de que foi o Fiodor que levou o dinheiro, ao passo que eu estava prestes a contar que a culpa era toda da Galia...»). E tudo isto unicamente em francês.

Estas revelações preciosas e comoventes foram interrompidas para sempre por uma carta de Medeia datada de 10 de Outubro de 1916. Fora escrita em russo, de uma forma dura e sucinta. Relatava que, no dia 7 de Outubro de 1916, na Baía de Sevastopol, o navio *Imperatriz Maria* explodira. Entre os mortos estava o mecânico do navio, Gueorgui Sinopli. Havia suspeitas de sabotagem. Dadas as circunstâncias de uma guerra que ganhava lentamente os contornos de uma revolução e uma guerra caótica na Crimeia, foi impossível resgatar o navio logo após o seu naufrágio. Apenas três anos mais tarde, já nos tempos soviéticos, a conclusão dos especialistas revelou que a explosão realmente tinha acontecido devido a um engenho explosivo colocado no motor do navio. Um dos filhos de Gueorgui, Nikolai, colaborou no resgate do navio, fazendo parte da equipa de mergulhadores.

Naqueles dias de Outubro, Matilda estava no final da gravidez do seu décimo quarto filho, que haveria de nascer não em Agosto, como os restantes, mas em meados de Outubro. Ambas – Matilda e a menina de cabeça rosada – morreram no nono dia após a morte de Gueorgui.

Medeia foi a primeira a saber do falecimento da mãe. Chegou ao hospital de manhã e a enfermeira Fatima, que veio ao seu encontro, interceptou-a na escada e disse-lhe em tártaro da Crimeia, que naqueles tempos os habitantes da península tão bem dominavam:

– Filha, não vás lá. Vai ter com o doutor Lesnichevsky. Está à tua espera.

O doutor Lesnichevsky veio ter com ela com o rosto banhado em lágrimas. Era um velho baixo e anafado; Medeia era uma cabeça mais alta do que ele. Disse-lhe:

– Minha querida! – E ergueu as mãos para lhe acariciar a cabeça...

Começaram no mesmo ano: Matilda a dar à luz, e ele a chefiar o serviço de obstetrícia – foi ele que lhe fez todos os partos.

Ficaram treze. Treze crianças que acabaram de perder o pai e que ainda não tinham conseguido acreditar na realidade dessa morte. O funeral simbólico dos marinheiros, com orquestra e salvas, pareceu às crianças mais novas um espectáculo militar semelhante a um desfile. Em 1916, a morte ainda não estava tão banalizada como em 1918, quando os mortos eram enterrados em valas, malvestidos e sem caixões. Embora se prolongasse havia algum tempo, a guerra estava longe, e aqui, na Crimeia, a morte não era tão frequente.

Matilda estava bem vestida, os seus cabelos luminosos cobertos por uma renda preta, e a menina, que não recebera o baptismo, ficou ao seu lado. Os filhos mais velhos carregaram o caixão, primeiro para a igreja grega e depois para o cemitério antigo, para junto de Kharlampi.

O funeral da mãe ficou na memória até do filho mais novo, Dimitri, de dois anos. Passados quatro anos, ele contou a Medeia duas coisas que o marcaram naquele dia. O funeral aconteceu num domingo e, antes, nesse mesmo dia, houve um casamento na igreja. Na rua estreita que levava à igreja, o cortejo nupcial encontrou-se com a comitiva fúnebre. Houve um embaraço, e os que carregavam o caixão tiveram de sair da estrada para deixar passar o automóvel, no banco de trás do qual estava entronada, como uma mosca em cima da nata, a noiva morena na nuvem branquíssima do vestido e, a seu lado, o noivo careca. Era um dos primeiros carros na cidade,

pertencia à família rica Muruzi e era verde. Foi precisamente acerca desse automóvel que Dimitri falou a Medeia. «Realmente, o carro era verde...», lembrou-se Medeia. O segundo episódio era intrigante. O menino perguntou como se chamavam os pássaros brancos que se encontravam à cabeceira da mãe.

– Gaivotas? – perguntou, surpreendida, Medeia.

– Não, um era grande e o outro pequeno. Tinham carinhas diferentes das gaivotas – explicou Dimitri.

Excepto isso, não se lembrava de mais nada. Naquele ano, Medeia tinha dezasseis anos. Cinco dos irmãos eram mais velhos, sete, mais novos. Dois não estavam presentes naquele dia, Filipe e Nikifor. Estavam ambos na frente de guerra; haveriam de morrer também os dois: um pelos Vermelhos e o outro pelos Brancos. Porém, durante toda a sua vida Medeia escreveu os nomes deles na mesma linha na nota memorial...

A irmã mais nova de Matilda, a viúva Sofia, que veio de Batum para o funeral, decidiu levar consigo dois dos sobrinhos mais velhos. Tinha herdado do marido uma grande propriedade e, com as suas três filhas, não conseguia gerir devidamente a casa. Afanasi, de catorze anos, e Platon, de doze, tornar-se-iam muito em breve os homens que tanta falta lhes faziam.

Mas não estava no destino deles ajudar a recuperar a propriedade da tia. Dois anos mais tarde, a sábia Sofia vendeu o resto da propriedade e levou todos os filhos para a Bulgária e depois para a Jugoslávia. Aí, Afanasi, ainda muito jovem, tornou-se noviço num mosteiro ortodoxo, mudando-se mais tarde para a Grécia, onde o seu rasto se perdeu. A última coisa que se sabia sobre ele era que se encontrava nas desconhecidas montanhas de Meteora. Finalmente, Sofia e os restantes filhos estabeleceram-se em Marselha, e o corolário da sua vida foi um pequeno restaurante grego que adquiriu graças à venda de doces orientais, em particular a baclava, a massa que, com tanta habilidade, era feita pelas suas filhas pouco graciosas mas muito despachadas. Platon, o único homem da

família, carregava todo o peso da casa. Casou as irmãs, enterrou a tia antes do início da Segunda Guerra Mundial, e depois da guerra, já não muito novo, casou com uma francesa e teve dois filhos com o engraçado sobrenome de Sinopli.

Miron, de dez anos, foi levado por outro familiar da parte dos Sinopli, o estimado Aleksandr Grigorievich, proprietário do café Bubny, em Koktebel. Veio ao funeral de Matilda e não contava levar nenhum dos sobrinhos. Mas o seu coração não resistiu e então levou um deles. Alguns anos mais tarde, o menino faleceu repentinamente devido a uma doença estranha.

Um mês após o funeral, Anelia, a irmã mais velha de Matilda, considerada a mais afortunada, levou Nastia, de seis anos, para Tbilisi. Naqueles tempos, o seu marido era um músico famoso. Anelia tencionava levar também os meninos mais novos, mas estes puseram-se a berrar de tal maneira que decidiram deixá-los por mais uns tempos com Medeia. Também ficou com Medeia a irmã de oito anos, Aleksandra, sempre muito apegada a ela e ultimamente inseparável.

Anelia ficou perplexa: como poderia ela deixar três crianças menores nos braços de uma menina de dezasseis anos? Mas interveio a velha Pelagueia, uma parente distante de Kharlampi, a ama que tinha apenas um olho e que toda a vida serviu em casa dos Sinopli:

– Enquanto eu for viva, deixe os pequenos crescer aqui em casa. E assim tudo ficou resolvido.

Passado algum tempo, Medeia recebeu três cartas de São Petersburgo: de Elena, de Armik Tigranovna e de Aleksandr Aramovich. Esta última era a mais curta: *Todos nós lamentamos profundamente a desgraça que se abateu sobre a vossa família. Pedimos que aceitem o pouco com que vos podemos ajudar nestes momentos difíceis.*

O «pouco» revelou-se uma quantia bastante avultada de dinheiro, metade do qual Medeia gastou na compra de uma cruz fina

de mármore preta com os nomes da mãe e do pai, cujo corpo se dissipou nas águas limpas e fortes do Ponto Euxino⁶, que acolheu muitos marinheiros Sinopli...

Naquele mesmo lugar, à sombra da oliveira-brava plantada na sepultura de Kharlampi, em Outubro de 1926, ao adormecer no banco, Medeia viu os três: Matilda, com a sua auréola de cabelo ruivo, não o usava preso num puxo como quando era viva, mas festivamente eriçado à volta da cabeça, e a menina de cabecinha rosada nos seus braços. Mas não era recém-nascida, por algum motivo já tinha três anos. O terceiro era o pai, grisalho, com uma barba totalmente branca e muito mais velho do que a imagem que Medeia tinha dele, além do que, em vida, ele nunca tinha usado barba.

Foram muito meigos com ela, mas não disseram nada, e quando desapareceram, Medeia deu-se conta de que não tinha adormecido. De qualquer forma, não teve consciência da transição do estado de sono para o de vigília. Mas identificou no ar um cheiro magnífico a resina, escuro e antigo. Ao inspirá-lo, intuiu que, com a sua aparição, leve e solene, eles lhe agradeciam por não ter abandonado os mais novos e como que a libertavam de todo o tipo de responsabilidades que havia assumido voluntariamente e há tanto tempo.

Passou algum tempo antes que ela conseguisse descrever este fenómeno extraordinário numa carta para Elena: *Já passaram algumas semanas, Elenochka, em que não consegui sentar-me para te descrever um acontecimento místico surpreendente...*

Em seguida, passou para o francês: todas as palavras russas que pudesse aqui usar, como «visão», «aparição», «milagre», pareciam inadequadas e tornou-se mais fácil recorrer a uma língua estrangeira cuja riqueza de sentidos está, de algum modo, ausente.

Enquanto escrevia a carta, o cheiro a resina que sentira no cemitério pairou de novo, vindo de algures. «*Qu'en penses-tu?*», concluiu, com a sua letra caligráfica, que na variante francesa se tornava mais determinada e nítida.

6 Em grego antigo: nome do mar Negro. [N. T.]

Medeia é a inconfundível matriarca e o epicentro de uma família de ascendência grega que vive desde tempos imemoriais na costa da Crimeia. Viúva e sem filhos, enfermeira e católica ortodoxa, Medeia recebe todos os anos em sua casa a visita das gerações mais novas da família, vindas de Moscovo, Tbilisi ou Vilnius, para quem seria impensável passar as férias de Verão noutra sítio. Observando com interesse e recato os amores, os conflitos e as tragédias destes seus «filhos», tudo guardando no seu coração, Medeia revisita memórias antigas sobre a história dos seus antepassados e a sua própria biografia, marcada pelos anos da guerra e da fome, pela solidão, e por um segredo muito bem guardado.

Um dos romances mais celebrados de Ulitskaya, *Medeia e os seus Filhos* compõe um retrato da vida na União Soviética ao longo do século XX através de uma dramática saga familiar e da história de uma mulher que, qual rochedo no mar, a tudo resiste, testemunhando as profundas mudanças de costumes na geração do pós-guerra.

«Uma história com traços tolstoianos.»




Kirkus Reviews

«Tudo o que se pode esperar de um romance russo moderno.»

Los Angeles Times Book Reviews



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896237318



9 789896 237318 >